DÃ©jÃ vu

by Paulinha Almeida

Category: Harry Potter
Genre: Drama, Romance
Language: Portuguese
Characters: Ginny W., Harry P.
Status: In-Progress
Published: 2016-04-12 16:44:01
Updated: 2016-04-22 18:00:04
Packaged: 2016-04-27 19:14:15
Rating: M
Chapters: 2
Words: 8,360
Publisher: www.fanfiction.net
Summary: Trabalho, rotina, responsabilidades e um passado sobre o qual ela nÃ£o gosta nem sequer de pensar. SerÃ¡ que um par de olhos verdes Ã© razÃ£o suficiente para bagunÃ§ar suas prioridades?

1. Chapter 1

â€”Boa tarde, Gin. - O sol jÃ¡ estava se pondo quando Colin saudou vindo ao meu encontro com um prontuÃ¡rio em mÃ£os. - Trauma sete.

â€”OlÃ¡, Colin. O que temos? - Perguntei pegando os papeis e caminhando em direÃ§Ã£o Ã sala de emergÃªncias com ele em meu encalÃ§o.

â€”Um deus grego, da melhor categoria. - Respondeu sua compreensÃ£o da minha pergunta, e que nÃ£o era exatamente o que eu queria saber.

â€”De zero a dez? - Sorri e entrei em sua brincadeira.

â€”Onze! - Exclamou empolgado. - VocÃª poderia conseguir o telefone dele para mim, nÃ£o?

â€”Ã‰ um paciente, gato, nÃ£o podemos. - Lembrei nosso cÃ³digo de Ã©tica e ele revirou os olhos.

â€”Eu nÃ£o me importo gata, vocÃª sabe. - Deu de ombros com um sorriso sarcÃ¡stico. - VocÃª Ã© a Ãºnica pessoa aqui que consegue ser Ã©tica e legal ao mesmo tempo, nÃ£o tenho essa destreza e prefiro ser legal.

Gargalhei com sua observaÃ§Ã£o no momento exato em que chegamos Ã porta da sala sete de traumas.

â€”Aproveite. - Ele sussurrou para mim antes de seguir seu caminho

atÃ© o pronto socorro.

Olhei o nome do paciente no prontuÃ¡rio e entrei apÃ³s uma rÃ¡pida batida na porta.

â€”Boa tarde, Sr. Potter. - Cumprimentei formal, como de hÃ¡bito, fechei a porta atrÃ¡s de mim e coloquei seu prontuÃ¡rio mÃ©dico sobre a mesa de instrumentos ao lado da cama de exames. - Sou a Dra. Weasley e vou atendÃª-lo hoje. O que houve com seu braÃ§o?

SÃ³ entÃ£o olhei para ele. Colin disse onze, mas eu daria, no mÃ-nimo, nota doze.

â€”OlÃ¡, Dra. Weasley. Muito prazer em conhecÃª-la. - Ele respondeu sorrindo quando me sentei no banco em frente Ã maca onde ele prÃ³prio estava sentado.

Eu conhecia aquela olhar, carregado de interesse, malÃ-cia e expectativa, e nÃ£o era a primeira vez que um paciente o dirigia a mim. Embora eu nÃ£o me lembrasse de nenhum dos anteriores vir de um rosto tÃ£o bonito.

Puxei seu pulso e examinei a coloraÃ§Ã£o arroxeada da pele e a pequena protuberÃ¢ncia indicando que alguma coisa ali estava fora do lugar.

â€”Estava organizando algumas coisas em casa e caÃ- da escada. Na hora me apoiei no pulso e acho que o quebrei. - Contou e se contraiu um pouco quando apalpei a Ã¡rea lesionada. - Meu ombro tambÃ©m estÃ¡ um pouco dolorido, acho que por causa do impacto.

â€”TambÃ©m acho que vocÃª o quebrou. - Sentenciei minha suspeita em relaÃ§Ã£o ao pulso e me levantei, ficando agora de sua altura enquanto sentado. - Tire a camisa, por favor, para que eu examine seu ombro.

Uma das inÃºmeras vantagens de ser mÃ©dica Ã© nÃ£o precisar fingir que nÃ£o estÃ¡ olhando o paciente, porque meu trabalho basicamente Ã© olhar para eles o melhor que puder.

O ajudei a passar a peÃ§a de roupa pelo pulso machucado e coloquei ao seu lado na cama para examinar o ombro direito. Constatei apenas uma concussÃ£o oriunda do impacto no momento da queda, nada com que se preocupar.

â€”Seu ombro nÃ£o aparenta ter nada alÃ©m de um inchaÃ§o causado pelo impacto, mas o pulso provavelmente quebrou e estÃ¡ fora de lugar. Vamos tirar algumas radiografias para ter certeza e entÃ£o imobilizar seu braÃ§o por um tempo, ok? - Informei o diagnÃ³stico total e o procedimento e me virei para anotar em seu prontuÃ¡rio.

â€”Isso tudo Ã© rÃ¡pido? - Perguntou e eu notei o esforÃ§o em sua voz.

Me virei e o vi lutando contra a peÃ§a de roupa e o braÃ§o inchado pela lesÃ£o, que provavelmente estaria doendo muito mais do que ele demonstrava.

â€”Me deixe ajudar. - Me adiantei e tirei a camisa xadrez de suas mÃ£os para ajudÃ¡-lo a se vestir. - Espero que nÃ£o tenha muita

pressa, porque o senhor nÃ£o vai conseguir sair daqui tÃ£o rÃ¡pido assim.

â€”Que bom, assim temos tempo para vocÃª me falar um pouco sobre vocÃª.

Ele sugeriu isso com um sorriso de canto irresistÃ-vel e apoiando sua mÃ£o saudÃ¡vel sobre a minha, enquanto eu me empenhava em ajudÃ¡-lo com o Ãºltimo botÃ£o. Por dentro eu quis rir com sua investida e me senti secretamente satisfeita com a demonstraÃ§Ã£o de interesse, mas mantive o ar profissional e me virei novamente para os papeis quando terminei de ajudÃ¡-lo.

â€”NÃ£o hÃ¡ nada muito interessante sobre mim que eu queira te contar ou que vocÃª queira saber. - Desviei o assunto enquanto escrevia "luxaÃ§Ã£o no ombro direito".

â€”Tenho certeza de que sim. - Insistiu soando divertido.

â€”Como, por exemplo? - NÃ£o aguentei a curiosidade e me rendi, fazendo exatamente o que eu suspeitava ser a pergunta certa para que sua estratÃ©gia desse certo.

â€”Seu telefone. - Sugeriu casualmente e eu ri.

â€”Acho que nÃ£o.

â€”E-mail, entÃ£o, que Ã© algo mais formal. - PropÃ´s uma alternativa.

â€”TambÃ©m nÃ£o, Sr. Potter.

â€”E que tal se comeÃ§armos pelo seu primeiro nome? - Pediu agora de pÃ©, encostado no armÃ¡rio que eu usava para apoiar os papeis, o braÃ§o machucado cuidadosamente posicionado na frente do corpo e a outra mÃ£o no bolso, numa pose despretensiosamente sexy.

Eu ainda estava debruÃ§ada escrevendo, entÃ£o precisei olhar para cima para encontrar seu rosto sorridente e em troca arqueei a sobrancelha para seu ar confortÃ¡vel com o lugar que encontrou para se encostar, o que o fez rir mais.

â€”Ginny, meu primeiro nome. - Respondi por fim, voltando ao que estava fazendo e assinalando na terceira pÃ¡gina os procedimentos que seriam feitos.

â€”Me chame de Harry, Ginny. - Ele pediu sem dar a impressÃ£o de que sairia dali, observando enquanto eu assinava e carimbava todas as vias.

â€”Me chame de Dra. Weasley, Harry. - Determinei me levantando e entregando a ele um dos papeis. - Primeiro andar Ã esquerda, na sala de espera de Raio-X. Eu perguntaria se vocÃª precisa de ajuda para encontrar, mas me parece muito esperto para isso. EntÃ£o apenas me aguarde lÃ¡, chegarei num minuto.

Me virei e o deixei sozinho na sala. Antes que a porta se fechasse eu ouvi sua risada lÃ¡ dentro e um sorriso divertido tambÃ©m estampou meu rosto.

â€”Ei, Colin. - Chamei quando o vi saindo do balcÃ£o de enfermeiros e ele se virou para mim ao ouvir seu nome. Corri atÃ© lÃ¡ para nÃ£o atrasÃ¡-lo e me apoiei para dizer. - Temos alguÃ©m no Raio-X agora?

â€”Pediu o telefone dele? - Perguntou ignorando o que eu queria saber.

â€”NÃ£o, e me recuso a fazer isso, vocÃª sabe. - Afirmei sÃ©ria e me inclinei mais para perto antes de dizer com um sorriso. - Mas ele pediu o meu.

â€”Bandida, eu o vi primeiro. - Disse ofendido e nos fez rir. - Espero que vocÃª tenha passado.

â€”Claro que nÃ£o passei. - Respondi como se fosse Ã³bvio.

â€”Ai, ai, Ginny, vocÃª Ã© a personificaÃ§Ã£o daquele provÃ©rbio que diz que Deus dÃ¡ dentes a quem nÃ£o come nozes. - Dramatizou e eu gargalhei com isso.

Colin era cheio de seus provÃ©rbios e frases de efeito, o que tornava meus longos turnos de trabalho muito mais divertidos.

â€”NÃ£o tem ninguÃ©m lÃ¡ ainda, gata, vocÃª vai ter que se virar. - Voltou ao assunto inicial.

Um dos profissionais de radiologia estava afastado por problemas de saÃºde, e isso fazia com que nem todos os turnos fossem cobertos. EntÃ£o nÃ³s, mÃ©dicos, precisÃ¡vamos fazer as coisas por nossa conta algumas vezes.

â€”VocÃª poderia me ajudar, entÃ£o? - Pedi com uma cara que eu esperava que fosse convincente.

â€”E te tomar a chance de ficar sozinha com aquele homem? Nem pensar. - Negou categÃ³rico. - Eu seria um pÃ©ssimo amigo se fizesse isso.

â€”NÃ£o seja bobo, Colin.

â€”NÃ£o adianta insistir, vÃ¡ logo e nÃ£o o deixe esperar muito. - Finalizou o assunto e eu me rendi Ã sua recusa.

â€”Pelo menos registre os dados dele para mim, por favor. - Pedi por fim, entregando o prontuÃ¡rio a ele.

â€”Isso eu posso fazer. - Confirmou prestativo como quase sempre. - Agora vÃ¡ lÃ¡ e me conte tudo depois.

Subi pela escada e quando cheguei Ã sala de espera onde Harry me esperava eu ainda estava rindo.

â€”Por aqui, por favor. - Convidei abrindo a porta e entrando com ele na sala escura com uma mesa ao centro, onde ele apoiaria o braÃ§o.

â€”VocÃª jÃ¡ estava falando de mim para alguÃ©m? - Perguntou interessado. - O que disseram para que vocÃª esteja rindo atÃ© agora?

â€”Desculpe ferir seu ego, Sr. Potter, mas ninguÃ©m estava falando do senhor. - Neguei e apontei o local onde ele deveria se sentar.

â€”Linda, inteligente, divertida, Ã³tima mÃ©dica e pÃ©ssima mentirosa. - Comentou mais para ele do que para mim enquanto se acomodava no local indicado. - Realmente nÃ£o se pode ter tudo, nÃ£o Ã©?

Contive a vontade de rir com sua observaÃ§Ã£o e me concentrei em arrumar seu braÃ§o na posiÃ§Ã£o correta.

â€”NÃ£o se mexa, por favor. - Pedi e saÃ- para acionar o aparelho que me mostraria a gravidade de sua situaÃ§Ã£o.

â€”Como quiser, Dra. Weasley.

Fui atÃ© a sala ao lado tempo suficiente para apertar os botÃµes necessÃ¡rios e obter a fotografia dos seus ossos.

â€”Pronto, pode se levantar. - Informei e o ajudei a descer a manga da camisa para a posiÃ§Ã£o correta.

â€”NÃ£o vai me dizer o que estava falando de mim? - Insistiu no assunto. - Eu adoraria saber.

â€”NÃ£o. - Respondi direta e sem rodeios.

â€”EntÃ£o vocÃª confirma que estava falando de mim? - Sorriu de canto novamente ao questionar.

â€”Isso Ã© vocÃª quem estÃ¡ dizendo. - Desconversei, mas retribui o sorriso. - O resultado sai em alguns minutos, sÃ³ me aguarde ali fora, por favor, eu te informarei o que houve.

â€”NÃ£o posso aguardar aqui dentro?

â€”Se nÃ£o falasse tanto poderia. - Afirmei e indiquei a porta.

Ri sozinha quando ele saiu e fechou a porta, demonstrando pela primeira vez um leve arrependimento por nÃ£o conseguir segurar os prÃ³prios pensamentos apenas para ele, e aguardei que a impressÃ£o ficasse pronta.

Harry Potter tinha exatamente o que eu suspeitava: uma fratura no rÃ¡dio, osso do antebraÃ§o, prÃ³xima ao pulso. O Ã¢ngulo nÃ£o deixava dÃºvidas de que havia sido o impacto da queda a fazer o estrago, e embora nÃ£o fosse necessÃ¡ria a cirurgia reparadora, que nÃ£o Ã© rara nesses casos, terÃ-amos que colocar o osso no lugar antes de imobilizar.

Esse nÃ£o Ã© um procedimento indolor, e eu sorri com a expectativa de vÃª-lo se esforÃ§ar para chamar minha atenÃ§Ã£o enquanto eu o dava a impressÃ£o de estar quebrando seu braÃ§o novamente. Embora o objetivo de ser mÃ©dica seja aliviar a dor do paciente, eu me conformava com o fato de que para isso deveria aumentÃ¡-la por alguns segundos, e estava ansiosa para ver sua reaÃ§Ã£o.

â€”Vamos lÃ¡? - Chamei ao passar por ele.

Harry se levantou e me seguiu em silÃªncio por todo o corredor atÃ© as escadas, onde nÃ£o havia ninguÃ©m, e entÃ£o se apressou para caminhar ao meu lado.

â€”EntÃ£o, o que eu tenho?

â€”Uma fratura, vou te mostrar. - Informei e abri a porta da minha sala, dando espaÃ§o para que ele entrasse primeiro.

Posicionei sua radiografia impressa sobre o quadro de luz e apontei o local onde ele deveria olhar:

â€”Aqui, um pouco acima da sua mÃ£o, vocÃª quebrou o osso que chamamos de rÃ¡dio, e a torÃ§Ã£o da queda o fez sair do lugar. - Ele assentiu enquanto eu explicava o ocorrido de maneira popular. - Vamos ter que colocar seu braÃ§o no lugar, e quanto antes melhor porque seu corpo jÃ¡ comeÃ§ou o processo de calcificaÃ§Ã£o da fratura.

â€”Tudo bem. - Ele concordou, com a expressÃ£o clara de quem nÃ£o havia entendido completamente em que implicava tudo o que eu disse, mas se sentou sem questionar na maca que indiquei.

â€”Esse Ã© um procedimento bastante doloroso, entÃ£o posso chamar alguÃ©m para te segurar enquanto eu faÃ§o, se vocÃª preferir. - Ofereci jÃ¡ esperando sua recusa.

â€”NÃ£o se preocupe, Dra. Weasley, nÃ£o Ã© necessÃ¡rio. - Recusou estendendo o pulso em minha direÃ§Ã£o. - E perder a chance de ficar sozinho com vocÃª?

Sua sugestÃ£o de ficarmos sozinhos associado ao tom caloroso de sua voz fizeram um arrepio inapropriado subir pelas minhas costas.

â€”NÃ£o Ã© uma ocasiÃ£o muito agradÃ¡vel para ficar sozinho comigo. - Respondi concentrada em segurar sua mÃ£o no Ã¢ngulo correto. - Segure-se bem e nÃ£o mexa o braÃ§o, por favor.

â€”VocÃª tem alguma sugestÃ£o melhor? - Insistiu galanteador e firmou o corpo como eu pedi.

â€”Nenhuma que te envolva. - Respondi e puxei.

O grito que se seguiu foi exatamente como tantos que ouvi antes do dele, mas o primeiro que me fez rir.

â€”Melhor? - Perguntei um momento depois, tempo suficiente para o pico de dor ceder e ele perceber que estava doendo bem menos agora.

â€”Como vocÃª Ã© violenta, mulher. - Resmungou um pouco pÃ¡lido, me fazendo rir de novo.

â€”As vezes precisa. - Dei de ombros me explicando. - Vou prescrever um remÃ©dio para dor, sÃ³ um minuto.

Ele se sentou do outro lado da minha mesa, de frente para mim, e esperou paciente e em silÃªncio. Apanhei um receituÃ¡rio na gaveta ao lado da minha cadeira e indiquei o que ele deveria tomar e a cada

quanto tempo, depois entreguei a ele.

â€”Aqui, Ã© sÃ³ um analgÃ©sico, nÃ£o temos muito que fazer agora porque seu corpo se encarregarÃ¡ do resto. - Entreguei um segundo papel antes de continuar a falar. - No fim do corredor Ã esquerda vocÃª verÃ¡ a sala de gesso, entregue isso a alguÃ©m lÃ¡ para que te imobilizem. Em trinta dias retorne aqui e o ortopedista de plantÃ£o irÃ¡ verificar se jÃ¡ podemos tirar o gesso. Recomendo repouso nos prÃ³ximos dois dias para que seja mais confortÃ¡vel. Ã‰ sÃ³ isso.

â€”SÃ³ isso? - Desdenhou rindo. - VocÃª quebrou o meu braÃ§o de novo, nÃ£o me parece pouco.

â€”Foi uma fratura leve, vai se curar logo. - O tranquilizei.

â€”NÃ£o pense que nÃ£o reparei em sua cara de satisfaÃ§Ã£o com meu grito, me pareceu bem sÃ¡dica. - Acusou e eu ri de seu exagero. - Acho que depois disso eu mereÃ§o seu telefone.

â€”Desculpe Harry, mas nÃ£o. - Finalizei o assunto e esperei que ele entendesse.

â€”NÃ£o sou tÃ£o legal assim? - Perguntou divertido.

â€”VocÃª Ã© legal, divertido, bonito. - Falei sincera e o sorriso dele aumentou a cada elogio. - Mas ainda Ã© um paciente. NÃ£o se pode ter tudo, nÃ£o Ã© Sr. Potter? Boa noite.

â€”Tudo bem, Dra. Weasley. - Deu de ombros, resignado. â€“ Tentamos novamente no prÃ³ximo encontro quando eu vier tirar o gesso. Boa noite e obrigado.

â€”NÃ£o por isso. Melhoras. - Desejei e esperei que ele saÃ-sse.

Sorri para o nada e apanhei seu prontuÃ¡rio novamente: Harry Potter, vinte e sete anos, solteiro, economista e residente do mesmo bairro que eu. AlÃ©m disso, tinha barba por fazer, olhos verdes irresistÃ-veis, corpo sexy, carismÃ¡tico, charmoso e aceitavelmente ousado.

Suspirei para espantar a vontade de salvar seu nÃºmero no meu telefone, guardei sua ficha com as demais e saÃ- para voltar ao pronto socorro, onde a demanda por ortopedia era sempre maior.

Quando o Ãºltimo paciente saiu da minha sala eu jÃ¡ sentia o cansaÃ§o dominando meu corpo e tudo o que eu queria era minha cama. Desliguei o computador, tirei o jaleco, troquei o tÃªnis pelo sapato de salto com que saÃ- de casa, soltei o cabelo e apanhei minha bolsa. Encontrei Colin no corredor e ele me informou que infelizmente nÃ£o poderia me acompanhar porque estava de plantÃ£o, entÃ£o nos despedimos rapidamente e eu fui sozinha atÃ© o bar e restaurante que havia ali perto comer algo antes de finalmente aproveitar minha noite de folga colocando o sono em dia. Sem meu amigo para fazer companhia nÃ£o era tÃ£o divertido assim ir atÃ© lÃ¡, mas ainda era melhor do que passar mais tempo ainda em casa sozinha.

NÃ£o me preocupei em pedir uma mesa apenas para mim e me acomodei em um banco livre no bar. Pedi meu prato preferido e um suco para acompanhar enquanto eu me

dividia entre assistir o jornal e prestar atenÃ§Ã£o em uma ou outra conversa dos grupos ao meu redor.

Comi sem pressa, apreciando o gosto da costela de porco assada quase atÃ© derreter e o delicioso molho que a cobria. Quando terminei pousei meus talheres sobre o prato e me encostei satisfeita no encosto do banco alto que ocupava. Antes, porÃ©m, de conseguir alcanÃ§ar meu copo alguÃ©m se encostou do meu lado, perto o suficiente para que sua blusa tocasse meu braÃ§o apoiado no descanso da cadeira, e uma voz conhecida, divertida e satisfeita puxou assunto:

â€”NÃ£o sabia que mÃ©dicos tinham vida.

â€”NÃ£o temos. - Confirmei sua suspeita e Harry riu como se tivesse sido a melhor piada que jÃ¡ ouviu, me olhando como se eu fosse exatamente quem ele esperava encontrar aqui.

â€”Que surpresa, Dra. Weasley.

â€”NÃ£o maior do que a minha, principalmente considerando que eu recomendei ao meu paciente que descansasse. - Cruzei os braÃ§os sobre meu peito e me virei para olhÃ¡-lo de frente.

Ele nÃ£o vestia mais a mesma roupa e tinha o cabelo molhado, indicando que jÃ¡ havia ido para casa. Exceto pelo braÃ§o agora engessado, estava lindo como antes, sem contar o cheiro delicioso de loÃ§Ã£o pÃ³s-barba no rosto agora liso.

â€”Ã‰ a despedida de um amigo que estÃ¡ se mudando, nÃ£o pude falar nÃ£o. Me desculpe por isso.

Gostei de vÃª-lo se explicar, mas apenas assenti antes que ele continuasse falando.

â€”E o que faz aqui sozinha? Seu namorado nÃ£o te deu um bolo, nÃ£o Ã©? - Sua tentativa nada sutil de descobrir meu estado civil arrancou de mim um sorriso.

â€”NÃ£o tenho um namorado, se Ã© o que quer saber, Harry. - Respondi usando a liberdade que ele havia concedido ainda no hospital.

â€”Seria egoÃ-smo da minha parte dizer que fico feliz? - Perguntou e eu notei quando ele se aproximou mais alguns centÃ-metros. - Se quiser, eu posso te fazer companhia.

â€”Achei que fosse a despedida de um amigo muito querido. - Arqueei a sobrancelha ao dizer isso.

â€”E Ã©, veja ali todos eles jÃ¡ reunidos. - Apontou para uma mesa cheia de pessoas rindo e conversando. - Mas duvido que se importem caso eu me ausente por umas sete ou oito horas.

Gargalhei de sua proposta implÃ-cita, mas neguei com a cabeÃ§a. Gostei tambÃ©m do clima de atraÃ§Ã£o entre nÃ³s, mas foi ele que me

indicou que essa era a hora de sair e continuar vivendo dentro das regras.

â€”VÃ¡ para sua despedida, eu vou para casa dormir. - Afirmei e pedi a conta para um garÃ§om que passou por nÃ³s. - E, se me permite uma opiniÃ£o profissional, nÃ£o beba nada alcoÃ³lico enquanto nÃ£o estiver totalmente calcificado, vai atrasar o processo e possivelmente doer um pouco.

â€”JÃ¡ posso ter seu telefone ou ainda sou um paciente, Dra. Weasley? - Pediu com um sorriso encantador, e eu suspeitei que ele nem tivesse dado atenÃ§Ã£o ao que sugeri.

â€”Ainda Ã© um paciente. E dos piores que existem: os que nÃ£o levam a sÃ©rio minhas recomendaÃ§Ãµes mÃ©dicas. - Neguei enquanto digitava a senha do cartÃ£o para pagar meu jantar. - Foi bom te ver de novo, Harry. Melhoras, mais uma vez.

â€”Obrigado.

Ele nÃ£o saiu da frente quando me estiquei e saltei para fora do banco mais alto que minhas pernas, por isso terminei colada nele. Nossa diferenÃ§a de altura ainda exigiu que ele olhasse para baixo para falar comigo novamente, apesar do meu salto:

â€”VocÃª vai ficar brincando de gato e rato comigo, Dra. Weasley? - Perguntou com a mÃ£o esquerda agora apoiada na minha cintura.

â€”Ao contrÃ¡rio, nÃ£o vou brincar de gato e rato com vocÃª, Sr. Potter. E se eu fosse vocÃª nÃ£o insistiria tanto. - Sugeri e ele riu com isso.

â€”E por que eu nÃ£o deveria insistir?

â€”Porque talvez eu seja um rato grande demais para um gatinho com um braÃ§o quebrado. - Esclareci divertida e vi quando seu olhar se transformou imediatamente em desafiador. - Boa noite, Harry.

Ele nÃ£o tentou me segurar quando me virei para ir embora, mas senti seus olhos em minhas costas durante todo o percurso atÃ© a calÃ§ada.

* * *

><p>OlÃ¡, pessoal!<p>

Mais uma histÃ³ria para distrair a mim e a vocÃªs.

Se vocÃª jÃ¡ leu e gostou de outras histÃ³rias minhas, espero que essa tambÃ©m te surpreenda e agrade. Se essa Ã© a primeira que vocÃª lÃª, corre lÃ¡ no meu perfil que existem outras e todas elas terminadas ;)

Aguardo a opiniÃ£o de todos nos comentÃ¡rios.

Obrigada por acompanharem,

Beijos e atÃ© o prÃ³ximo!

2. Chapter 2

Minha noite tranquila de sono foi interrompida trÃªs horas e meia depois com um acidente envolvendo dois caros e uma moto, resultando em uma fratura exposta no fÃªmur do motociclista e uma lesÃ£o de primeiro grau na vÃ©rtebra T12 de um dos motoristas.

Demorei quarenta minutos para entrar correndo pela porta do hospital e encontrei o paciente com a fratura jÃ¡ limpa, apenas me aguardando para a cirurgia que faria sua perna parecer novamente uma perna. Me apresentei e o acalmei como de costume, expliquei os procedimentos da cirurgia e disse que o faria dormir agora e quando ele acordasse encontraria alguns pinos em sua coxa que seriam importantes para que sua recuperaÃ§Ã£o fosse perfeita.

Pedi ao enfermeiro de plantÃ£o na ala cirÃºrgica que o preparasse para o procedimento enquanto eu fazia o mesmo mudando minhas roupas, colocando luvas e toucas e higienizando as mÃ£os. Com o paciente jÃ¡ sedado e anestesiado iniciei o processo de cortar, limpar, raspar, perfurar e parafusar os pinos em seu fÃªmur atÃ© que estivesse totalmente no lugar em que deveria.

Quando terminei, quatro horas depois, o sol de sÃ¡bado jÃ¡ brilhava alto no cÃ©u e eu estava mais cansada do que nunca. Preenchi seu prontuÃ¡rio com informaÃ§Ãµes relevantes para o pÃ³s-operatÃ³rio e apontei as horas de trabalho em meu registro. Notifiquei a equipe de enfermagem que o paciente acordaria em breve e fui para casa dormir atÃ© trÃªs da tarde, horÃ¡rio em que eu deveria voltar para vÃª-lo e aproveitar o perÃ-odo de visitas para conversar com a famÃ-lia sobre os cuidados na recuperaÃ§Ã£o.

Das cento e sessenta e oito horas da Ãºltima semana eu trabalhei oitenta e duas, o que me deixava dezessete horas acima do limite mÃ¡ximo estabelecido. Isso resultou no chefe de cirurgia indo ao meu encontro no corredor para determinar que se eu ainda quisesse ter um emprego iria embora nesse momento e voltaria apenas para o plantÃ£o noturno da segunda-feira.

Quarenta e oito horas de folga. Me senti perdida, atÃ© mesmo quase desesperada, com tanto tempo livre para ficar em casa sem ninguÃ©m.

A primeira coisa a ser feita, e prioridade na vida de qualquer pessoa da Ã¡rea da saÃºde, era dormir. No caminho para casa comprei um almoÃ§o reforÃ§ado e depois de comer uma refeiÃ§Ã£o decente apaguei na minha cama atÃ© a manhÃ£ de domingo.

Acordei descansada e relaxada, mas precisando urgentemente ir ao mercado se nÃ£o quisesse sair de casa a cada vez que ficasse com fome. Aproveitei o clima agradÃ¡vel e quente para usar um vestido leve de estampas florais e rente ao corpo e sandÃ¡lia rasteira. Desperta e disposta apÃ³s a Ã³tima noite de sono, dirigi os poucos quarteirÃµes que me separavam do meu destino e cruzei a porta de entrada quando metade da cidade ainda nem havia acordado.

Passei direto pelas sessÃµes de roupas e eletrÃ´nicos e fui Ã minha parte preferida: cereais e chocolates. Peguei os que eu mais gosto e coloquei dentro do carrinho de compras que eu empurrava Ã frente, e sÃ³ entÃ£o saÃ- Ã procura de comida de verdade. Parei em frente Ã prateleira de espaguetes e olhei concentrada para eles tentando

entender a diferenÃ§a entre o nÃºmero oito e o nÃºmero nove, que para mim eram exatamente iguais, mas fui interrompida por uma voz jÃ¡ familiar:

-TrÃªs encontros completamente casuais e inesperados em menos de uma semana. Qual a probabilidade estatÃ-stica de que isso aconteÃ§a em uma cidade desse tamanho, Dra. Weasley?

Virei para encontrar um Harry sorridente e lindo em uma bermuda, camiseta e chinelos, confortavelmente apoiado no meu carrinho de compras.

-Ã‰ com certeza menor do que a probabilidade estatÃ-stica de que vocÃª esteja me seguindo, nÃ£o tenho dÃºvidas. - Respondi apoiando os braÃ§os no lado oposto a ele e me acomodando para a conversa agradÃ¡vel e provocante que eu previa dali em diante. - Como estÃ¡ o braÃ§o?

-Melhor, eu acho, pelo menos nÃ£o senti nenhuma dor depois que vocÃª o quebrou novamente. - Respondeu casualmente olhando para o gesso apoiado na tipoia. - E como foi sua noite de sono?

-NÃ£o foi. - Respondi simplesmente e ele me olhou curioso. - Me ligaram no meio da madrugada para atender a vÃ-tima de um acidente com fratura exposta no fÃªmur. Passei a noite consertando uma perna quase destruÃ-da.

Achei graÃ§a de sua tentativa mal sucedida de disfarÃ§ar a cara de nojo enquanto eu falava e ri com isso antes de continuar a conversa.

-E a despedida do seu amigo? - Perguntei interessada.

-Foi muito divertida, mas devo dizer que o suco de melancia daquele bar Ã© pÃ©ssimo. Sugiro que peÃ§a o de manga, mil vezes melhor. - Contou satisfeito com sua sugestÃ£o.

-EntÃ£o vocÃª seguiu minha recomendaÃ§Ã£o de nÃ£o ingerir Ã¡lcool? Muito bem. - Elogiei e ele agradeceu com um aceno de cabeÃ§a.

-Para uma mÃ©dica que vive ditando regras sobre o que nÃ£o ingerir, vocÃª come muito mal. - Comentou avaliando descaradamente minhas compras. - Veja isso, sÃ³ doces e calorias. VocÃª deveria seguir seus prÃ³prios conselhos e manter uma alimentaÃ§Ã£o mais saudÃ¡vel, quem sabe assim parasse de olhar para um simples espaguete como se ele fosse te morder.

-Trabalhei mais de oitenta horas na Ãºltima semana, mereÃ§o uma trÃ©gua no meu dia de folga. - Justifiquei sem dar importÃ¢ncia Ã sua observaÃ§Ã£o. - Eles nÃ£o iam me morder, mas eu estava tentando descobrir a diferenÃ§a entre o nÃºmero oito e o nÃºmero nove, porque deve haver alguma ou entÃ£o essa informaÃ§Ã£o nÃ£o estaria impressa ali.

-Aproveitando que vocÃª estÃ¡ de folga, posso preparar uma receita deliciosa de espaguete para vocÃª e te explicar a diferenÃ§a entre eles durante o jantar. - Sugeriu sorrindo com charme.

-Acho que nÃ£o vou correr esse risco. - Neguei, mas continuei onde estava.

-Gostei da moda praia, Dra. Weasley. - Comentou ignorando que eu havia acabado de dizer nÃ£o a ele novamente e olhando minha roupa totalmente diferente das que eu vestia nas outras vezes em que nos encontramos.

-Quanto a vocÃª, prefiro a moda casual dos encontros anteriores. - Opinei sinceramente, fazendo-o rir.

-Vou fazer uma nota mental entÃ£o de nunca mais me vestir assim. Devo incluir um terno na lista de preferÃªncias?

-NÃ£o, careta demais. Exatamente daquele jeito, estava perfeito.

-Ganhei um elogio. - Comemorou com um sorriso e um soco estranho no ar. - Isso quer dizer que mudei de status e posso ter seu telefone?

Gargalhei e arrumei o cabelo atrÃ¡s da orelha, ele nÃ£o desistia e isso tornava cada vez mais difÃ-cil continuar negando.

-O status infelizmente ainda Ã© o mesmo, apenas uma relaÃ§Ã£o profissional. - Afirmei, lamentando internamente ter prestado tanta atenÃ§Ã£o nas inÃºteis aulas de Ã©tica.

-Estamos em um mercado, Dra. Weasley, nÃ£o vai me dizer que alÃ©m de mÃ©dica Ã© operadora de caixa nas horas vagas? - Brincou com um sorriso de canto.

-Eu poderia ser, tem milhares de coisas que vocÃª nÃ£o sabe sobre mim. - Mantive o tom provocante e brincalhÃ£o das nossas respostas.

-Como por exemplo vocÃª provavelmente ser uma ratinha muito pesada para um gato com a pata quebrada? - Questionou com malÃ-cia.

-Por exemplo. - Afirmei e sorri.

-VocÃª Ã© muito interessante, Dra. Weasley. - Ele falou como um elogio e eu quase me derreti com a sensaÃ§Ã£o que sua frase me causou.

-VocÃª tambÃ©m Ã© um paciente bem interessante, Harry. - Devolvi a gentileza e ele negou com a cabeÃ§a quando me ouviu dizer bem claramente a palavra "paciente". - Foi bom te ver de novo, cuide-se.

Me despedi e ele desencostou do meu carinho para que eu pudesse ir embora.

-Bom te ver tambÃ©m. - Contestou quando comecei a andar e me chamou novamente antes que eu chegasse ao fim do corredor. - Dra. Weasley? - Me virei e esperei que ele continuasse. - NÃ£o vai levar o espaguete?

NÃ£o consegui conter o sorriso antes de responder:

-Desisti, Ã© muito trabalhoso.

-VocÃª desiste muito fÃ¡cil, eu sou bem mais insistente que isso. â€“ Informou casualmente, mas foi o suficiente para me deixar ansiosa pelo prÃ³ximo acaso que nos colocaria frente a frente.

-Bom saber disso, deve ser uma qualidade muito valorizada em um economista. â€“ NÃ£o escondi o fato de que olhei seu prontuÃ¡rio e sorri ao fim da frase.

Ele tambÃ©m sorriu satisfeito e piscou para mim antes de eu me virar novamente e sumir de seu campo de visÃ£o.

Eu nÃ£o gostava e nÃ£o estava acostumada a ter tanto tempo livre e hÃ¡ anos me ocupava em preencher todos os que eventualmente apareciam contra minha vontade, o que me levou a ficar ansiosa e sem saber o que fazer quando mesmo depois de limpar a casa toda olhei para o relÃ³gio e vi que ainda tinha vinte e quatro horas de folga.

Enchi a banheira e me afundei na Ã¡gua quente com os fones devidamente colocados para preencher o silÃªncio. Tomei um banho demorado enguanto um ou outro pensamento desconexo ocupava minha cabeÃ§a e jÃ¡ sentia minha pele ficando enrugada quando minha cabeÃ§a foi invadida pela ideia de convidar minha amiga mais prÃ³xima e vizinha de andar para sair um pouco.

Me enxuguei e ainda enrolada na toalha caminhei atÃ© a cozinha usar o interfone, que era o meio de comunicaÃ§Ã£o mais rÃ¡pido entre os apartamento

-OlÃ¡. - Hermione atendeu casualmente, a voz um tanto abafada indicando que ela estava mastigando alguma coisa.

-Ei, tudo bem?

-Bem, e vocÃª?

-TambÃ©m. Quer sair para algum lugar? Estou de folga hoje. - Convidei e aguardei sua resposta.

-Em pleno domingo? NinguÃ©m se arrebentando pela cidade? - Perguntou tambÃ©m, ao invÃ©s de responder meu convite.

-Provavelmente sim, mas estourei as horas permitidas na semana passada, sÃ³ posso voltar amanhÃ£.

-EntÃ£o vamos aproveitar. - Ela se decidiu empolgada. - Aonde vamos?

-Sei lÃ¡, pode decidir. VocÃª tem mais prÃ¡tica nisso do que eu. - Deixei a cargo dela a escolha do lugar e me antecipei antes que ela falasse. - O que vocÃª estava comendo?

-Bolo de chocolate, quer?

-Quero. - Aceitei jÃ¡ ansiosa, porque se uma coisa ela fazia bem era bolo. - Vou me trocar.

-Eu tambÃ©m. Meia hora?

-Sim, Ã© suficiente.

-AtÃ© mais. - Se despediu e desligou antes que eu respondesse.

Me vesti propositalmente evitando qualquer peÃ§a branca e a encontrei no hall na hora marcada. Mione estava trancando sua porta quando cheguei e me entregou uma vasilha cheia de um bolo aparentemente Ã³timo. Coloquei o que ela me entregou na geladeira antes de fechar tambÃ©m a minha casa e sair em direÃ§Ã£o ao local que ela havia escolhido, mas que eu ainda nÃ£o sabia qual era.

-Aonde vamos? - Perguntei acomodada no banco do carona enquanto ela guiava tranquilamente pelo trÃ¢nsito calmo de domingo Ã noite.

-Um barzinho legal que fui com seu irmÃ£o uns meses atrÃ¡s, mÃºsica ao vivo e ambiente aconchegante. â€“ Respondeu tranquilamente, sem demonstrar nada alÃ©m do que deveria para a irmÃ£ do cara com quem se sai de vez em quando.

Conheci Hermione quando me mudei para minha casa atual, seis anos atrÃ¡s. Isso aconteceu logo que terminei a faculdade e decidi que era hora de deixar Ron em paz e morar sozinha. Por motivos completamente diferentes dos meus ela tambÃ©m tinha a casa sÃ³ para ela, era o Ãºnico ponto em comum entre nÃ³s, mas foi suficiente para que ela virasse minha amiga mais prÃ³xima.

Meu irmÃ£o entrou em sua vida mais ou menos junto comigo, mas demorou alguns bons meses atÃ© que saÃ-ssem pela primeira vez. Demorou mais ainda para que eu descobrisse, e nessa histÃ³ria toda jÃ¡ eram seis anos de enrolaÃ§Ã£o mÃºtua. Ela tem a mesma idade que eu e apesar de demonstrar pouco ou nada eu sei que gosta dele, mas Ron Ã© dez anos mais velho que nÃ³s duas e nÃ£o fala de sentimentos com ninguÃ©m, o que deixa a situaÃ§Ã£o um pouco delicada para ela.

Mione Ã© discreta, entÃ£o os poucos detalhes que me contou da relaÃ§Ã£o com ele foram suficientes para que eu saiba que nÃ£o hÃ¡ compromisso nem cobranÃ§a, o que explica os curtos relacionamentos que ambos tiveram com outras pessoas nesse tempo todo. Eles poderiam ser classificados como amigos com benefÃ-cios, nÃ£o fosse o detalhe de que nunca foram realmente amigos.

Por isso nÃ£o questionei quando ela o citou e apenas assenti, aproveitando a sensaÃ§Ã£o de sair com uma amiga e nÃ£o ter responsabilidades por um final de semana inteiro. Conversamos banalidades e rimos bastante durante boa parte da noite, sentadas sozinhas em uma mesa de canto. Hermione nÃ£o bebeu nada alcoÃ³lico porque estava dirigindo, mas eu me permiti desfrutar de um ou dois drinques.

Eu estava de costas para o resto do lugar e nÃ£o conseguia me livrar da expectativa de mais um encontro casual com meu paciente mais insistente. Eu julguei estar sendo discreta com minhas olhadas por sobre o ombro, procurando seu rosto familiar que parecia ultimamente sempre estar no mesmo lugar que eu, mas isso nÃ£o passou despercebido Ã minha companheira de noite:

-Quem vocÃª estÃ¡ procurando? - Mione perguntou enquanto eu inspecionava a nossa volta mais uma vez.

-NinguÃ©m, por que? - Respondi olhando para ela e disfarÃ§ando.

-EstÃ¡ sim. - Constatou me olhando com suspeita. - Quem Ã©?

Nem pensei em negar quando ela perguntou novamente, apenas apoiei meu copo na mesa e respondi:

-Um paciente.

-Paciente? Agora que a histÃ³ria fica boa. - Comentou empolgada. - Gostoso?

-Totalmente. - Respondi enfÃ¡tica para ela entender o quanto. - Ele quebrou a mÃ£o e eu o atendi na sexta-feira, depois disso nos encontramos casualmente no mesmo dia Ã noite em um barzinho e hoje de manhÃ£ no mercado.

-Olha, o destino trabalhando. - Zombou e nÃ³s rimos.

-Ele pediu meu telefone vÃ¡rias vezes, mas eu nÃ£o dei porque isso Ã© vetado pelo nosso cÃ³digo de Ã©tica.

-Bom, se Ã© vetado entÃ£o melhor assim, nÃ£o Ã©?

-NÃ£o. - Respondi rÃ¡pido e ela me olhou com as sobrancelhas arqueadas. - Quer dizer, sim. NÃ£o sei. Se ele pedisse mais uma vez daquele jeito eu passaria atÃ© a senha do banco para ele. - Exagerei e ela riu, negando com a cabeÃ§a.

-EntÃ£o deveria ter passado, oras. - Deu de ombros como se fosse simples.

-Agora jÃ¡ foi, nÃ£o tem mais como. - Dei de ombros deixando o assunto de lado. - Quando nos encontramos hoje ele perguntou se eu queria jantar na casa dele, eu ri na hora e levei na brincadeira, mas passei o dia inteiro divagando sobre como seria se eu tivesse topado.

-VocÃª sabe como teria sido.

-Sim, por isso fiquei imaginando. - Respondi obviamente e ela me acompanhou na risada.

-Vai que surge outro encontro casual, nunca se sabe.

-Seria coincidÃªncia demais, nem me animo com isso. - Dispensei sua sugestÃ£o. - AlÃ©m do mais, ele ainda Ã© meu paciente.

-PÃ©ssima hora para ser mÃ©dica, nÃ£o? - Brincou, sabendo que eu adorava minha profissÃ£o mais do que tudo.

-Sempre Ã© uma Ã³tima hora para ser mÃ©dica, Ã© uma pÃ©ssima hora para ser responsÃ¡vel, isso sim. - Esclareci meu ponto de vista e ela concordou.

Pedimos algo para comer e continuamos nossa conversa por mais uma ou duas horas, sÃ³ entÃ£o nos acomodamos novamente no veÃ-culo e cruzamos as ruas atÃ© nossa casa. Fiquei boa parte da noite matando o tempo com a TV ligada e dormi durante o dia, assim nÃ£o ficaria com sono durante a noite enquanto trabalhava.

Cheguei ao hospital e encontrei Colin no balcÃ£o do pronto socorro

com uma pilha de formulÃ¡rios nas mÃ£os.

-Boa noite, gato. - Cumprimentei quando cheguei ao seu lado e trocamos um beijo no rosto. - O que tem para mim?

-OlÃ¡, gata. EstÃ¡ bonita. - Me elogiou separando algumas pastas.

-Obrigada. - Agradeci vagamente, ajudando-o a procurar.

-Aqui. - Me entregou alguns deles. - Duas consultas na emergÃªncia, pÃ³s-operatÃ³rio da cirurgia da sexta e por enquanto sÃ³ isso.

-VocÃª checou o paciente da cirurgia? - Perguntei passando os olhos brevemente pelas anotaÃ§Ãµes.

-Sim e ele estÃ¡ super bem. AliÃ¡s, Ã³timo trabalho.

-Obrigada. â€“ Agradeci outra vez, realmente satisfeita com esse elogio. - Bem, vou comeÃ§ar entÃ£o. Jantamos juntos mais tarde?

-Que tal meia noite? - Sugeriu, olhando no relÃ³gio que marcava agora algo em torno das sete.

-Perfeito, atÃ© lÃ¡. - Lancei um beijo em sua direÃ§Ã£o e me virei para comeÃ§ar a noite longa.

Eu adoro quando ele estÃ¡ no plantÃ£o comigo porque somos um time e tanto, o que faz com que o trabalho que eu amo se torne ainda mais prazeroso. Entre as consultas pedidas e o pÃ³s-operatÃ³rio recebemos algumas vÃ-timas de um acidente de carro e o tal jantar foi adiado para trÃªs horas depois, quando jÃ¡ estÃ¡vamos mortos de fome.

A correria fazia parte do meu dia e no fim eu estava tÃ£o acostumada a isso que o tempo passava devagar e tedioso quando eu nÃ£o estava em aÃ§Ã£o.

Alguns dias depois quando saÃ- de um turno longo que deveria ter acabado ao meio dia, mas me prendeu atÃ© anoitecer, precisei passar no mercado para comprar algo para jantar e ao passar pela sessÃ£o de massas percebi que fazia jÃ¡ duas semanas que eu havia esbarrado em Harry nesse mesmo lugar. Aparentemente as coincidÃªncias acabaram, pensei casualmente antes de seguir meu caminho em direÃ§Ã£o Ã Ã¡rea de congelados.

Fiz minhas compras com calma, inconscientemente olhando ao redor para me certificar de que realmente nÃ£o havia ninguÃ©m conhecido em volta, e infelizmente cheguei ao caixa sem ser interrompida por um cara bonito insistentemente pedindo meu telefone. Jantei com Hermione e jogamos conversa fora por algumas horas enquanto alguns episÃ³dios de Friends passavam na TV, mas assim que ela saiu tranquei a porta e me forcei a dormir.

O dia seguinte era sÃ¡bado, o que estatisticamente indicava que eu poderia esperar acidentes dos mais variados possÃ-veis, porque as pessoas tem uma tendÃªncia incrÃ-vel a usarem seus dias de folga para autodestruiÃ§Ã£o, entÃ£o tomei um cafÃ© da manhÃ£ completo em casa e dirigi atÃ© lÃ¡ preparada para um dia cheio. Meu turno comeÃ§ou durante a manhÃ£, mas Colin chegaria apenas a noite, entÃ£o quando me

encostei no balcÃ£o de atendimentos da emergÃªncia fui atendida por uma enfermeira simpÃ¡tica e eficiente, mas nÃ£o tÃ£o divertida, que me encaminhou imediatamente para uma paciente recÃ©m chegada.

AtÃ© o final da tarde nÃ£o consegui parar nem por um minuto, e quando finalmente o fiz comi apenas metade do meu sanduÃ-che antes de ser chamada novamente para uma consulta de urgÃªncia. Terminei meu suco, arrumei o cabelo preso em um rabo de cavalo e corri atÃ© lÃ¡.

-O que temos? - Perguntei para o enfermeiro com o prontuÃ¡rio nas mÃ£os.

-Paciente se queixando de dor no quadril, pediu preferÃªncia por vocÃª. - Me informou caminhando apressado em direÃ§Ã£o Ã ambulÃ¢ncia que chegava, me fazendo quase correr para acompanhÃ¡-la devido a nossa gritante diferenÃ§a de altura. - ConsultÃ³rio nove.

-Obrigada. - Agradeci para suas costas e me virei na direÃ§Ã£o contrÃ¡ria para ir atÃ© onde precisava.

A Sra. Figg era uma velhinha muito amÃ¡vel que morava sozinha e por isso se machucava com uma frequÃªncia preocupante, e todas as vezes que isso acontecia ela pedia por mim para seu atendimento. Seu argumento era minha atenÃ§Ã£o e paciÃªncia, e ela dizia tambÃ©m algo sobre minhas mÃ£os serem de anjo, porque sempre diminuÃ-am sua dor. Na maioria das vezes os problemas eram as quedas, e nossos encontros eram sempre cheios de conversas bondosas e biscoitinhos caseiros que ela trazia para mim.

Eu estava abrindo seu prontuÃ¡rio enquanto caminhava para ver se jÃ¡ havia alguma informaÃ§Ã£o prÃ©via sobre a lesÃ£o, mas antes que eu tivesse tempo sequer de chegar Ã pÃ¡gina de identificaÃ§Ã£o fui parada por Luna, uma residente de Ãºltimo ano que estava se especializando na minha Ã¡rea e que gostaria de uma segunda opiniÃ£o sobre o raio-X de uma paciente com fratura na clavÃ-cula.

Paramos no corredor em frente ao consultÃ³rio onde eu deveria entrar e olhamos juntas a radiografia contra a luz forte do teto. Disse a ela que nÃ£o era um caso cirÃºrgico, mas que eu recomendaria bastante fisioterapia assim que as imobilizaÃ§Ãµes fossem retiradas, algumas semanas mais tarde, ou ela continuaria sentindo bastante dor no local sempre que fizesse movimentos mais exigentes.

Ela me agradeceu e antes mesmo de comeÃ§ar a andar para longe eu abri a porta atrÃ¡s de mim e entrei, sem ao menos pedir licenÃ§a e com o sorriso jÃ¡ aberto para a senhora simpÃ¡tica que eu esperava encontrar.

-OlÃ¡, Dra. Weasley, que bom vÃª-la novamente. - Harry me cumprimentou com um sorriso deslumbrante, deitado de bruÃ§os na maca de exame e apoiado em um dos cotovelos, o braÃ§o ainda imobilizado cuidadosamente posicionado Ã frente, mas sem receber peso, e sem as calÃ§as.

Eu nÃ£o tive uma reaÃ§Ã£o imediata para aquele encontro, entÃ£o fechei a cara brevemente enquanto avaliava a improbabilidade lÃ³gica de que aquilo fosse mais uma coincidÃªncia e me encostei a sua frente com os braÃ§os cruzados para iniciar o que eu sabia que seria uma conversa animadora, meus olhos propositalmente concentrados em nÃ£o encarar suas pernas a mostra.

-OlÃ¡, Harry. Estou ficando assustada com a frequÃªncia desses encontros. - Falei casualmente, achando aquilo tudo muito estranho, mas ainda assim sorrindo.

-Eu tenho que confessar que estou ficando feliz. - Afirmou tambÃ©m sorrindo, daquele jeito que me fazia querer olhar para sempre. - Como tem passado?

-Muito bem, e vocÃª?

-Ã“timo tambÃ©m. - Respondeu, satisfeito com meu interesse.

-Fora esse outro acidente? - Questionei, indicando com a cabeÃ§a seu quadril e dando uma rÃ¡pida olhada enquanto isso.

-Foi o enfermeiro que me mandou tirar as calÃ§as, eu planejava te esperar vestido com meu jeans, devidamente apresentado e com as roupas que vocÃª gosta. - Defendeu-se desconversando e desviando o assunto da maneira como se machucou.

-Ele fez bem, de que outra maneira poderia te examinar? Depois vocÃª se veste para eu admirar um pouquinho. - Afirmei e sugeri, indo atÃ© o carrinho de acessÃ³rios para apanhar as luvas antes de verificar o local e o fazendo rir com satisfaÃ§Ã£o.

-No prÃ³ximo encontro pode ser vocÃª a estar sem as calÃ§as? â€“ Perguntou esperanÃ§oso.

-Receio que nÃ£o. - Neguei sem realmente me incomodar, apenas por hÃ¡bito e para manter nosso assunto.

Ele suspirou de forma teatral enquanto eu colocava as luvas e andava em sua direÃ§Ã£o.

-Pelo menos eu posso me conformar com o fato de que essa sua calÃ§a branca Ã© quase tÃ£o reveladora quanto. VocÃª sÃ³ poderia tirar o jaleco. - Sugeriu casualmente, como se ele estivesse me pedindo um copo de Ã¡gua.

-Minha calÃ§a branca Ã© um exemplo de pudor, Sr. Potter, e meu jaleco Ã© uma peÃ§a necessÃ¡ria no horÃ¡rio de trabalho. - Me defendi e levantei sua camisa quando parei ao lado da maca.

-EntÃ£o agora eu estou ainda mais curioso para te ver em momentos despudorados, Dra. Weasley, e fora do trabalho tambÃ©m, Ã© claro. - Eu ri com isso e comecei minha avaliaÃ§Ã£o apalpando com cuidado a regiÃ£o e testando suas reaÃ§Ãµes para ver se encontrava o foco da dor.

TambÃ©m aproveitei que ele nÃ£o podia me ver para correr meu olhar lentamente por suas costas e as pernas grossas expostas Ã minha frente.

-Que observaÃ§Ã£o grosseira, Sr. Potter. - Falei em um tom proposital para que ele soubesse que eu estava brincando.

-VocÃª poderia me dar seu telefone para eu passar a semana toda me desculpando, o que acha? - Tentou outra vez, me fazendo morder o lÃ¡bio para conter a risada e a vontade cada vez maior de dizer o

telefone, endereÃ§o e atÃ© o numero do meu documento se ele quisesse saber.

-Acho tentador. - Respondi vagamente. - Aqui dÃ³i?

-Isso Ã© um avanÃ§o? - Questionou esperanÃ§oso? - NÃ£o, nÃ£o dÃ³i.

-Infelizmente nÃ£o. - Neguei, mas internamente pedindo que ele insistisse tanto que eu nÃ£o tivesse mais como negar, assim seria mais fÃ¡cil eu me convencer de que tentei de tudo antes de ceder. - E aqui?

-Infelizmente mesmo, assim vocÃª nÃ£o me ajuda e eu preciso apelar para te ver. - Se lamentou. - TambÃ©m nÃ£o.

-Apelar? - Parei o movimento a meio caminho de apalpar a base de sua coluna, entendendo brevemente o que ele quis dizer com isso.

-VocÃª sabia que jÃ¡ faz duas semanas desde que nos encontramos casualmente pela Ãºltima vez? Fiquei apreensivo de que isso nÃ£o acontecesse mais. - Se justificou e eu estreitei meus olhos para sua nuca, mesmo sabendo que ele nÃ£o poderia ver.

-Harry, vocÃª ao menos estÃ¡ com dor? â€“ Questionei concentrada em manter meu tom sÃ©rio.

-Eu estava um pouco, sim. - Se defendeu, mostrando pouca ou nenhuma credibilidade.

-Onde? - Quis saber, ainda sÃ©ria.

-Eu tenho gastrite, sabe, desde adolescente. - Afirmou inseguro e eu fechei os olhos incrÃ©dula, dividida entre a raiva pela perda de tempo e o ego por seu esforÃ§o em me ver novamente.

-EntÃ£o vocÃª sabe que isso Ã© no estÃ´mago, certo?

-Eu sempre soube que seria um pÃ©ssimo mÃ©dico, sou horrÃ-vel em anatomia.

-Harry! - Exclamei exasperada e dei um tapa onde minha mÃ£o estava antes. - Mas que droga, qual o seu problema?

Me encostei novamente onde estava antes e cruzei as pernas, concentrada em transmitir toda minha indignaÃ§Ã£o com seu ato. Seu semblante transmitia talvez um pouquinho de vergonha, mas nada de arrependimento.

-NÃ£o consegui pensar em outra forma de te ver, desculpe.

-Isso Ã© meu trabalho e eu tenho responsabilidades, pessoas para salvar e ajudar aqui. Quando me pediram exclusividade eu pensei que fosse uma paciente que sempre faz isso, ela tem mais de setenta anos e mora sozinha, por isso estÃ¡ sempre se machucando. Ã‰ dessas pessoas que vocÃª estÃ¡ me privando enquanto atendo ao seu falso machucado. - Fiz questÃ£o de deixar claro todos os pontos negativos do que ele havia feito.

-Eu sei que vocÃª faz coisas fantÃ¡sticas aqui, e isso Ã© sÃ³ mais

uma coisa que admiro em vocÃª. - Afirmou me olhando com convicÃ§Ã£o.

-VocÃª nem me conhece. - Me esquivei mais uma vez.

-E sÃ³ por isso estou aqui, se vocÃª me deixasse te conhecer eu poderia fazer isso mais sutilmente e com mais dignidade.

-VocÃª nÃ£o estÃ¡ levando as coisas a sÃ©rio, nÃ£o Ã©? JÃ¡ estÃ¡ escurecendo e sÃ³ agora eu tive tempo para comer alguma coisa, era o que eu estava fazendo quando me chamaram, eu larguei tudo e vim correndo, sabia?

-Me desculpe por te fazer perder tempo, mas sÃ³ por isso, nÃ£o por forÃ§ar a situaÃ§Ã£o de te ver novamente. VocÃª nÃ£o me deixou escolha. - A intensidade com que ele disse isso foi diferente, tocante, e mesmo contra minha vontade eu gostei.

Suspirei tirando as luvas e jogando no lixo e passei a mÃ£o no rosto antes de me voltar a ele. O tempo todo ele me olhou sÃ©rio, me mostrando que por trÃ¡s da pessoa brincalhona e descontraÃ-da que pediu meu telefone em meio a conversas informais havia um interesse sÃ©rio e real.

-Prometa que nÃ£o vai fazer de novo. - Pedi, mas internamente eu jÃ¡ sabia qual seria sua resposta.

-EntÃ£o me dÃª seu telefone, caso contrÃ¡rio nÃ£o terei escolha. - Justificou-se e eu ri, demonstrando propositalmente quanto aquilo tudo era incrÃ©dulo.

Ele riu da minha reaÃ§Ã£o.

-E se eu nÃ£o quiser dar meu telefone a vocÃª? - Questionei desafiadora. - E se o fato de vocÃª ser meu paciente for sÃ³ uma desculpa?

-VocÃª quer. - Ele afirmou com tanta certeza, voltando ao seu tom brincalhÃ£o de sempre, que eu nÃ£o tive como negar, entÃ£o apenas o incentivei a continuar. - Eu posso nÃ£o conhecer vocÃª, mas conheÃ§o bem o jeito que vocÃª me olha e principalmente a falta de vontade com a qual vocÃª nega todos os meus pedidos. E acredite quando eu digo que nÃ£o estaria aqui se fosse ao contrÃ¡rio, sou o tipo de pessoa que respeita claramente os limites dos outros.

Neguei com a cabeÃ§a e continuei olhando-o sem dizer nada, travando minha batalha interna sobre o que fazer.

-Vamos, Dra. Weasley, serÃ¡ sÃ³ um passeio. - Me tranquilizou sorrindo daquele jeito de novo.

-Passeio? Achei que era sÃ³ o telefone. - Questionei com a sobrancelha arqueada em sua direÃ§Ã£o.

-Que vai levar a um passeio. - Afirmou e piscou para mim, me fazendo rir.

-Meu telefone nÃ£o Ã© uma informaÃ§Ã£o que eu passe para qualquer pessoa. â€“ Desviei o assunto de novo, ganhando tempo para me acostumar com a ideia de que eu quebraria as regras pela primeira

vez.

-Eu nÃ£o sou qualquer pessoa, esse jÃ¡ Ã© o quarto encontro. â€“ Argumentou com o dedo em riste. â€“ AlÃ©m do mais, quando eu...

-Ok. - Confirmei de repente, cortando sua frase no meio.

Meu argumento interno era de que eu estava evitando atendimentos clÃ-nicos desnecessÃ¡rios e essa era uma das funÃ§Ãµes de um bom mÃ©dico.

-Ok? - Repetiu com os olhos arregalados, claramente surpreso.

-Sim, Ok. - Afirmei novamente, ainda parada no mesmo lugar. - Anota aÃ-.

-SÃ³ um minuto. - Pediu e se levantou com pressa em direÃ§Ã£o Ã prÃ³pria calÃ§a, apoiada sobre uma cadeira ao lado, de cujo bolso tirou o smartphone de Ãºltima geraÃ§Ã£o.

Observei seus movimentos sem me preocupar em disfarÃ§ar e ditei meu nÃºmero para que ele anotasse.

-Estarei de plantÃ£o atÃ© amanhÃ£ ao meio dia, entÃ£o nÃ£o poderei atender. - Informei, secretamente satisfeita diante do seu sorriso feliz e realizado.

-Tudo bem, nÃ£o tem problema.

Ficamos em silÃªncio um pouco e ele pareceu nÃ£o entender o que havia de errado, atÃ© que eu ri e esclareci.

-Se vista, estou esperando para olhar. - Pedi e ele gargalhou com vontade diante disso.

Antes que alguma coisa fosse dita senti o aparelho de comunicaÃ§Ã£o interna vibrar no meu bolso e o chamado da emergÃªncia surgir na tela.

-E faÃ§a isso rÃ¡pido, porque preciso ir. - Exigi e ele levantou as mÃ£os em rendiÃ§Ã£o, da melhor maneira que o gesso permitia.

-Sim, Dra. Weasley, como quiser.

Olhei enquanto ele colocava sua roupa novamente, o que era uma imagem que certamente me faria ter sonhos indiscretos, e nÃ£o falei nada enquanto isso. Ele terminou de calÃ§ar os sapatos e colocou a mÃ£o esquerda no bolso frontai, um gesto que eu jÃ¡ tinha percebido que ele faz com frequÃªncia, adotando uma pose terrivelmente sexy.

-EstÃ¡ bom assim? - Perguntou convencido.

-Ã“timo. - Respondi sem demonstrar realmente o que achava.

-JÃ¡ posso ir entÃ£o?

-Nem deveria estar aqui. - Falei propositalmente Ã¡cida, mostrando que ainda considerava aquilo errado.

-Valeu a pena. - Deu de ombros sem se constranger.

-Vamos ver. - Comentei e me virei para sair. - Tchau, Sr. Potter.

-Foi um prazer, Dra. Weasley. - Ele respondeu para minhas costas enquanto eu ia atÃ© a porta, eu nem precisei olhar para saber que ele estava sorrindo.

Abri uma pequena fresta e a fechei de novo para me virar para ele e fazer um Ãºltimo pedido:

-Harry? - Ele estava me olhando atento, entÃ£o continuei. - Nunca mais me faÃ§a perder tempo assim, por favor.

-NÃ£o farei. - Garantiu e sorriu de novo para mim.

Fiz questÃ£o de nÃ£o retribuir e saÃ-, fechando a porta atrÃ¡s de mim. Corri atÃ© onde minha presenÃ§a tinha sido solicitada, e apesar da minha expressÃ£o sÃ©ria para Harry um sorriso ansioso brincou no meu rosto pelo resto do dia.

End file.